

# Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 21 — TELEFONE 59  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO IV — N.º 205 — Domingo, 12 de Maio de 1957

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e de comércio

Telefone 12

Depósito nesta Vila:

MANUEL DA SILVA DOMINGUES



AVENÇA



## O Sr. PRESIDENTE DA REPÚBLICA VISITOU O ALGARVE

É VERDADEIRAMENTE notório o interesse que o sr. Presidente da República sempre tem manifestado pelas actividades dos mais diversos sectores da vida do País, nomeadamente de quantos se relacionam com os principais empreendimentos do fomento nacional.

Agora, a convite do sr. ministro das Obras Públicas, estadista brilhantíssimo e dinâmico, que ainda há poucos dias regressou de uma fatigante viagem de estudo à Madeira, o Chefe do Estado percorreu alguns dos mais importantes trabalhos em curso de aproveitamentos hidro-agrícolas e pontes, no Alentejo e Algarve.

O sr. general Craveiro Lopes saiu de Lisboa na manhã de quinta-feira, acompanhado, além do sr. engenheiro Arantes e Oli-

veira, titular das Obras Públicas, pelos srs. coronel

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

De vez em quando...

## O MEU DOMINGO

VIVENDO encerrado na minha modéstia como a crisálida no seu casulo, limitando os passos entre a oficina e a casa, do que vai pelo mundo sei pela rádio ou pelo jornal, que, aliás, pouco leio.

Não quer isto dizer que seja egoísta ou misantropo, com a porta fechada e mirando pelo buraco da fechadura. As lições das ruas que percorro ensinam-me muito e gosto de observar o que vejo.

Um livro aberto deve sempre merecer-nos atenção e não se fixa a página que nos não agrada.

O domingo dedico-o à ronda dos hospitais e das exposições.

Acredito os senhores que, vivendo há quinze anos em Lisboa eu não entrasse, espontaneamente, uma única vez, num café — o barómetro da nossa civilização?

Pois vou agora contar como passei este domingo em que escrevo — e, se os aborçoço, virem a página e desculpem-me.

De manhã, fui até ao hospital visitar o rapaz do meu concelho, de quem eu conhecia a família

## BAIRRO do Matadouro

A propósito da nossa local, publicada no último número deste jornal, informam-nos de que os serviços técnicos dos Serviços Municipalizados desta vila estão procedendo ao estudo do prolongamento da rede de abastecimento de água ao Bairro do Matadouro, pelo que dentro em breve já será fornecido o precioso líquido.

## REFORÇOS DE PARTICIPAÇÕES PARA O ALGARVE

Pela verba do Fundo do Desemprego, o sr. ministro das Obras Públicas concedeu as seguintes participações, para obras em curso no Algarve:

A Câmara Municipal de Tavira, 3.520\$00, para a obra de reconstrução e ampliação do edifício dos Paços do Concelho; à Diocese do Algarve, 39.000\$00, para a reparação da igreja de Santa Luzia, em Tavira; à Comissão Municipal de Assistência de Loulé, 20.000\$, para a construção da sede do Centro de Assistência Social Polivalente.

## CURSO DE ENSINO PROFISSIONAL

### DOS MOTORISTAS MARÍTIMOS E FLUVIAIS

Terminou, há dias, o funcionamento dos Cursos de Ensino Profissional, que o Sindicato Nacional dos Motoristas Marítimos e Fluviais do Distrito de Faro promoveu, destinados a elevar os conhecimentos técnicos dos seus sócios, e ainda para não sócios que os quiserem frequentar estes, mediante o pagamento de uma pequena mensalidade, a fim de se habilitarem para o exame de ajudante de motorista.

Os ditos cursos, que funcionaram durante dois meses do defeso da pesca, tiveram o seguinte movimento:

Em Portimão, 115 inscritos e 850 presenças; em Olhão, 57 inscritos e 525 presenças, e em Vila Real de Santo António, 82 inscritos e 422 presenças. Estes cursos, tão necessários e de tanta utilidade não só para a classe, mas dum maneira geral para a Nação, recomeçarão, mesmo durante a faina da pesca, caso o Sindicato obtenha, como espera, o apoio devido ao pedido que formulou ao sr. director-geral da Marinha Mercante, sobre a documentação a exigir aos candidatos a exame para ajudante de motorista.

## O AMBIENTE RURAL NA FORMAÇÃO DA CRIANÇA

Pelo Prof. Dr. FERREIRA DE MIRA

O ambiente em que se realiza a educação das crianças favorece-a ou dificulta-a e contribui para a orientar numa ou noutra direcção. As crianças vão descobrindo o mundo pouco a pouco, à medida que os sentidos lhes vão despertando com a idade, e as primeiras impressões que recebem ficam-lhes tão profundamente gravadas que não só perduram na memória, como também encaminham o desenvolvimento mental, criando tendências e modos de ser que transmitem à idade adulta. Nesta influência do ambiente sobre a educação podem distinguir-se

duas facetas: uma de ordem qualitativa, outra de ordem quantitativa. Duas crianças de possibilidades congénitas iguais, vivendo na mesma cidade ou no mesmo campo, isto é, tendo perante os olhos aspectos semelhantes, mostrarão consideráveis diferenças de desenvolvimento físico e mental, se os cuidados e atenções que lhes dispensarem não forem os mesmos. Mas, se uma delas for educada em ambiente puramente urbano e a outra em plena vida rural, haverá para elas uma idade em que o mundo de uma e o de outra pouco mais terão de comum do que a consciência de certas necessidades orgânicas, como a de comer, que, ainda assim, satisfarão de maneiras diferentes e com gostos diferentes.

## ROSA DOS VENTOS

Na continuação do jardim marginal ao rio Guadiana, está a proceder-se à construção de uma artística «Rosa dos Ventos», que, segundo fomos informados, levará ao centro um Relógio de Sol.

Eis mais um motivo turístico para a nossa formosa Avenida da República.

ma e às chuvas que as colhem em caminhos onde não há portais nem alpendres que as resguardem, nem, muitas vezes, a copa protectora das árvores. Há casas aquecidas, nas cidades, aposentos com guarnições e mobílias estofadas e janelas fechadas herméticamente, constituindo, durante o inverno, ilhotas de amenidade em pleno mar de inclemência. Não é assim no campo. A regra, mesmo entre gente abastada, é que o aquecimento da casa se limite ao lume que arde na lareira, e que os luxuosos estofos arrefaçam nas salas de visitas, cujas portas só se abrem de tarde em tarde.

Como consequência desta vida desabrigada, as crianças enrijam.

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

## Conta Gotas

Por D. MARIA MANUELA NUNES

### As flores alastram

Muita vez me salta ao caminhar aquele quadro de Van Gogh: um retrato de menina, cercada de flores.

A menina sorri. As flores alastram no quadro, acabam por invadir o vestido da menina...

Também eu, assim. O que há em mim de tristeza cultivada desapareceu. Bastou que o sorriso deste dia aflorasse nos meus olhos... Bastou que as rosas do meu jardim ressusitassem... Bastou que o pregão da vendedora de hortaliça varrasse a manhã sem culpa... Bastou um quase nada para alastrar de flores o meu vestido à Van Gogh.

### A propósito de uma acácia

Van Gogh e a Natureza é que têm razão. O amarelo é uma linda cor. A isto chego eu, olhando uma acácia com seu vestido intelto, sem decote, de um amarelo que vai do oiro velho ao canário com reflexos suaves. Não apenas o amarelo das acácias. Pelo chão, subindo e descendo dunas de carrossel, inumeráveis líbras de cavallinho salpicam a frescura verde. Até os miosóttis, mal visíveis no mato, contam com sua ração de amarelo. Como tudo fica alegre, feliz, assim matizado! Porque será esta mania das pessoas de juntarem amarelo e mau-gosto no mesmo saco? Vercors esqueceu-se de mais esse pormentor para a sua teoria do homem, «animal dénaturé».

### Laranjas, Maio, romance...

Já uma vez lhes disse que sou como um aparelho de rádio de antena sempre ligada à terra. Os meus olhos captam uma cena e bricam com ela e fazem dela tudo quanto querem, gato-sapato. Lembro-me de um documentário de cinema. Jogavam negros, num pequeno recinto, obrigando a bola aos movimentos mais imprevisíveis.

Ontem, vinha eu muito repou-

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

## VÃO SER INAUGURADOS NO ALGARVE

### MAIS 6 EDIFÍCIOS ESCOLARES

Serão inaugurados e entregues às respectivas Câmaras Municipais, mais 6 edifícios escolares, construídos nos sítios de:

Sarnadas e João André, da freguesia de Alte; Vale de Silves (São Faustino), da freguesia de Boliqueime; e Goldra, da freguesia de S. Clemente, todos no concelho de Loulé; Vale Margem, da freguesia de Pera, e Perna Seca e Seiceira, da freguesia de S. Bartolomeu de Messines, ambos do concelho de Silves.



Um aspecto da vetusta cidade de Silves

## SILVES

UMA vez mais fomos a Silves, arrastados agora pelo epidérmico interesse de um desafio de futebol. A manhã, fresca mas bonita, de sol claro a doirar monte e encostas, deixou-nos apreciar de novo a alegria da paisagem deste Algarve, que quanto mais conhecemos mais belo nos parece.

Venculo pesado e barulhento, porém leve e silencioso nos declives, a camioneta em que fomos viu-se em apuros para galgar o troço improvisado que substitui,

temporariamente, a velha ponte do Almargem. Os apuros recrudesceram, já em Tavira, ao tornarmos a eterna e conhecida «esquina dos apertos» — chamemos-lhe assim — contrassenso permanente numa cidade importante, a que as maldições dos motoristas, para quem, diariamente, constitui obstáculo difícil de transpor, ainda não conseguiram alargar.

Eis que Tavira desaparece e entramos na estrada que nos leva a S. Brás de Alportel, através de quadros dos mais retintamente campestres desta nossa maravilhosa província. Surgem-nos, rosadas pela frescura da manhã, várias «montanheiras» montadas em seus burricos, caras meio encobertas pelos lenços do costume e tendo sobre estes os chapéus tradicionais, que os fracos ardores do sol não justificam no momento. Os hortijos, com suas noras antigas, são manchas alegres num todo em que predomina o arvoredado, e neste têm primazia as figueiras, de galhos retorcidos, o verde escuro das oliveiras e o verde mais claro das amendoeiras, prestes a florir.

Atravessamos algumas pequenas povoações e depara-se-nos S. Brás, que progride a olhos

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

## BRIGADA DO I. A. N. T.

Nos dias 20 e 21 do corrente mês, deslocou-se a Vila Real de Santo António, Monte Gordo e Cacela, uma brigada do Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos, a fim de visitar as Escolas Primárias do concelho, para tirar micro-radiografias aos alunos, professores e empregados dessas escolas.

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

e que fui ali conhecer. Disse-me que na outra enfermaria havia agora uma mulher de lá e ali chegada há pouco. Propus-lhe irmos visitá-la. Não nos conhe-

PELO Prof. TRINDADE E LIMA

ciamos também, mas, filhos do mesmo torrão, a mesma seiba nos alimentou. Voltei a casa — deixem-me dizer-lhes que o meu usual meio de transporte são as pernas — almocei, ouvi as notícias que a Emissora dá às três horas e preparei-me para nova marcha. Desta vez em direcção à Avenida da Liberdade, pa-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

## ESTRADA MUNICIPAL VILA REAL-CASTRO MARIM

Depois de ter sofrido profundos remodelamentos, que muito vieram beneficiar o pavimento, o troço de estrada Vila Real - Castro Marim está agora a ser alçado, o que muito contribuirá para melhorar o trânsito por aquela via, principalmente na época da pesca.

## CRÓNICA LIGEIRA

### UM DIA NA PRAIA

PASSOU por mim, correndo. Parei, hesitante: seria, não? Decidi-me a correr também; passei-lhe à frente. Não, não era ela. Não podia ainda desta vez revê-la; e, no entanto, quanto prazer sentiria em voltar a encontrá-la.

Na verdade tenho saudades, muitas saudades, mesmo.

Naquele dia déramos um alegre passeio juntos. E, pela vez primeira, admirei toda a sua exuberante mocidade e fiquei preso dela. Recordo ainda como cor-

ria e saltava pela areia da praia.

O mar espreguiçava-se na macia areia, onde as ondas deixavam a sua alva espuma. O marulhar das águas, forte e terno, simultaneamente, parecia uma agradável sinfonia, tocada por maravilhosa orquestra. O dia, mais luminoso que qualquer outro, era um cántico de sol.

O acaso, o agradável acaso que constantemente arrebata ou decepçiona, nos tinha unido.

13 MAIO 1957

Noticias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Regressou a Lisboa, acompanhado de sua esposa e filhos, o nosso prezado assinante e distinto clínico na capital sr. dr. Humberto Sérgio de Brito Avô.

Acompanhado de sua esposa, regressou de Lisboa o nosso prezado assinante e amigo sr. dr. Manuel Pereira Fernandes Vargas.

Seguiu para Lisboa o nosso amigo sr. Vitor da Silva Ruiivo, filho do nosso prezado assinante sr. António Ruiivo Madeira.

Depois de ter passado as férias da Páscoa em companhia de seus pais, partiu para Coimbra, onde vai terminar os seus estudos, o nosso prezado amigo sr. Alvaro Campero Munhoz.

Acompanhado de sua esposa, regressou a esta vila, depois de uma viagem de turismo por Espanha, o nosso prezado assinante sr. António Cordeiro Marques da Costa, residente em Castro Marim.

Acompanhado de seu filho, sr. dr. Diamantino Duarte Baltazar, e sua nora, encontram-se em Lisboa a sr.ª D. Maria Duarte Baltazar, esposa do nosso estimado amigo e assinante sr. Diamantino M. Baltazar.

De visita a sua irmã, encontra-se nesta vila o nosso prezado assinante sr. Jorge Cristóvão, residente em Mértola.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

Direcção-Geral dos Combustíveis

EDITAL

Fernando Afonso Vieira Campos, engenheiro de 2.ª classe, exercendo as funções de chefe da 3.ª Repartição da Direcção-Geral dos Combustíveis.

Faz saber que:

João Carapeto Trindade requereu alvará de licença para instalar um armazém de combustíveis domésticos (carvoaria), incluído na 3.ª classe, com os inconvenientes de poeiras e perigo de incêndio, sito em Monte Gordo, na rua António de Nola, 45, freguesia e concelho de Vila Real de Santo António e distrito de Faro.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da data da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações, por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Repartição, na Avenida Miguel Bombarda, n.º 6 em Lisboa.

Lisboa, e Direcção-Geral dos Combustíveis, 23-4-1957.

Pelo chefe da 3.ª Repartição, o engenheiro de 2.ª classe, Fernando Afonso Vieira Campos

CONTA GOTAS

sada da minha vida e vejo uma vendedora de laranjas afoujada ao peso de um enorme cabaz. Dois frutos caíram, rolaram alegremente no passeio. Um homem passa (um operário aqui das obras) junta as laranjas, entrega-as. Diz qualquer coisa, que não distingo. A vendedora ri. Uma rapariga alta, de avental aos quadradinhos azuis. Embora leve um balde na mão, o operário não desanda. Ri, a vendedora ri com ele. Acaba por lhe comer a laranja. «Ela não receberá o dinheiro—fantasia.—Dirá que não, sorrirá mais uma vez... Dá casamento, pela certa!» Engano-me. A rapariga aceita o dinheiro, devolve o troco. Não me dou por vendida. «Agora continuam a conversar como antes. Ele esquecido da obra; ela esquecida das laranjas.» Penso, porque é assim que eu faria. Uma vez mais o romance desenrola-se de outra maneira, na página seguinte. Ele corre a dar serventia, ela apregoa, acena à freguesia que vem a atravessar a rua.

E' incrível que este dia de Maio não dê fruto. E' impossível que a lei não se cumpra... Claro, impossível. O que é, é que para as pessoas simples, sem intelectualismos, sem metafísica, as cousas se passam com maior naturalidade. Cada um à sua obrigação. Encontrar-se-ão logo, depois das cinco. Ou amanhã. Ela voltará a cruzar a rua, ele estará à espera, para comprar outra laranja.

Não me digam que o destino é tolo. Não me digam que ele atirou dois frutos do alto do cabaz sem mais nem menos.

Não me digam que levou um rapaz novo a apanhar as laranjas sem nenhum objectivo. Não me digam que em vão se é jovem. E que é Maio em vão.

Não é lenda, é verdade

Ao brando sinal da hora encostei o ouvido à terra. A paz, diante da guerra, dizia-lhe: «Vai-te embora!»

Oh! Oh! Que largo sentido há neste minuto, a sós! A paz veste o meu vestido e fala com a minha voz...

O olhar com que ela insiste é o meu, rindo a uma criança. — Eu hei-de ser menos triste para haver maior semelhança.

Como lhes ia contando, ouvindo o sinal da hora, encontrei a paz mandando o monstro da guerra embora.

Ah!, só mesmo estando a ver da cena os vivos contornos! — Era uma flor a prender um «miura» pelos cornos...

Não, não é visdo de artista, não é lenda, é a verdade. O toiro baixou a vista, recuou, contra vontade...

A guerra mandada embora do mundo onde a gente habita, eis a verdade que a hora de todos nós solicita.

Maria Manuela Nunes

JOSÉ VASCO NUNES

MÉDICO

Consultas todos os dias a partir das 15 horas. Consultas aos pobres às Terças-feiras e Sábados — pelas 16 horas.

Consultório - Rua da Princesa, 90 VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO



PROVINCIA

ALBUFEIRA

Noticiário

No passado dia 25 de Abril, deslocou-se a Paderne Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor Bispo do Algarve, a fim de inaugurar um bloco de casas residenciais para pobres daquela freguesia, construídas através da meritória obra do saudoso Padre Américo. Iniciaram-se as cerimónias com a celebração da Santa Missa na igreja paroquial.

No local onde foram construídos os edifícios e na presença de muito povo que ali acorreu, usaram da palavra o sr. presidente da Câmara, que se congratulou com a realização daquele melhoramento de destacado valor cristão e social — o primeiro no género a ser construído numa freguesia deste concelho — e o representante da Obra do Padre Américo, que esplanou a acção desta Obra desenvolvida no País; o sr. António Libânio Correia, que felicitou os continuadores da obra e a população de Paderne pela obtenção de mais este melhoramento de carácter assistencial; e, por último, Sua Ex.ª Rev.ª que, num empolgante improvisado, realçou também a obra de acção social criada e desenvolvida pelo Padre Américo, no desvelo constante que sempre teve pelos desvalidos da sorte.

— Na Direcção Hidráulica do Guadiana, em Faro, encontra-se patente o programa do concurso para a empreitada da «Construção do passadizo submersivo dos Barreiros, na Ribeira de Algibre, com a base de licitação de 111.605\$000. Esta obra, de inestimável valor para os povos da freguesia de Paderne, há muito que se impunha, devido a ter ruído a ponte que ligava a sede da freguesia a outros aglomerados populacionais.

— No passado dia 1, deslocou-se a Lisboa o sr. presidente da Câmara Municipal, que conjuntamente com os sr. governador civil do Distrito e presidente da Junta de Província do Algarve, foi recebido por Sua Ex.ª o ministro do Interior, com quem trataram de assuntos de interesse para este concelho. — E.

TAVIRA

Eduardo Rafael Pinto Junior

Faleceu no passado dia 20 de Abril, em Lisboa, este nosso amigo, que deixou grande mágoa em todos que com ele privavam. O falecido, que contava 63 anos de idade e era natural de Loulé, tendo vivido muitos anos em Tavira, desempenhou alguns cargos, tais como: o de director da Federação Nacional dos Industriais de Moagem, vereador da Câmara Municipal de Tavira e gerente da Fábrica de Moagem J. A. Pacheco, desta cidade. Deixa viúva a sr.ª D. Judite Pacheco Pinto e era pai dos srs. capitão Eduardo Maria Pacheco Pinto, actual gerente da firma J. A. Pacheco, e 1.º tenente da Marinha Carlos Pacheco Pinto, comandante da «Azevia», sogro das sr.ªs D. Maria da Natividade Pacheco Pinto e D. Margarita Lanz Pinto, e irmão dos srs. Raul Pinto, gerente do B. N. U. em Loulé, e Octávio Pinto, funcionário do Banco de Portugal.

Os seus restos mortais foram transportados de Lisboa para jazigo de família, em Santa Catarina da Fonte de Bispo.

VILA NOVA DE CACELA

Desastre

Depois de terminar os seus serviços no mercado de Vila Real de Santo António, onde tinha ido vender produtos hortícolas, o proprietário sr. António Correia, casado, de 73 anos, ao regressar a sua casa

nesta freguesia, no sítio de Aldeia Nova, ao aparecer uma camioneta de passageiros da Empresa Rodoviária, a luar teve medo indo embater com a carroça nas guardas de um aqueduto, pelo que o condutor, ao tentar apanhar as rédeas, fê-lo com tanta infelicidade que caiu, sendo apanhado pelo rodado, que o deixou muito contuso.

Imediatamente conduzido pela mesma camioneta ao Hospital de Vila Real de Santo António, foi ali tratado pelos médicos srs. drs. Reinaldo Prazeres e Colaço Fernandes, sendo baldados os seus esforços por o sinistrado não resistir aos ferimentos recebidos.

A pedido da família, foi o ferido conduzido na ambulância dos Bombeiros Voluntários de Vila Real de Santo António à sua residência, onde chegou já cadáver.

Foi averiguado que o motorista não teve qualquer culpa no desastre. O seu funeral realizou-se na passada terça-feira, para o cemitério local, sendo muito concorrido.

Deixa viúva a sr.ª D. Clara Maria Correia e era pai do sr. António Correia Junior, comerciante em Olhão, casado com a sr.ª D. Rita Luisa Trindade, e da sr.ª D. Rita Correia Ferreira, casada com o sr. Francisco Ferreira, residente em Sacavém. — E.

ODELEITE

Páscoa

Os domingos de Páscoa e Pascoela passaram tristes e menotonos, sem aquela alegria comunicativa tradicional.

As solenidades religiosas deram algo de animação à atmosfera pesada que paira sobre esta aldeia.

A mocidade, sempre folgazã, parece que sente o efeito de uma incógnita indecifrável.

No próterio domingo, o nosso reverendo pároco levou a efeito a visita Pascal.

Melhoramentos

Num dos últimos numeros deste jornal, focámos a grande necessidade de uma carreteira que ligasse a parte oeste desta freguesia à sede. Foi com agrado que ouvimos uma entidade em evidência neste meio referir-se à mesma, com a melhor das impressões.

Posto que o lugar e o meio ambiente não fossem dos mais indicados, nem por isso deixa de ter menos valor a dissertação feita por quem tem a seu cargo uma boa parte dos destinos de Odeleite.

Congratulo-nos que seja um facto e que se contribua com fé e boa vontade para que amanhã seja uma realidade tão justa petição.

Doente

Atacada de doença grave e bastante melindrosa, encontra-se hospitalizada em Faro a sr.ª D. Maria Alexandrina, residente em Foz, esposa do nosso amigo Manuel Rocha. — E.

ACÇÕES

De «A Electro Fabril», compra-se qualquer quantidade, pagando-se ao melhor preço.

Resposta:

Apartado n.º 13 - FARO.

Assinal e propagai «Noticias do Algarve»

Disco de Automóvel

Perdeu-se no percurso de Altura (Cacela) a Olhão, com a parte do centro cromada, e a circunferência em branco, forrada a borracha. Gratifica-se a pessoa que o encontrar.

CARLOS AUGUSTO MAGALHÃES VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Clínica de Santo António

(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)

sob a Direcção Clínica do Dr. Albano de Lencastre

Rua Guilherme Gomes Fernandes VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ESCUTISMO

Dia de S. Jorge

O dia de S. Jorge, patrono mundial do Escutismo, passou em 23 de Abril, tendo sido devidamente comemorado no Grupo n.º 60 dos Escuteiros de Portugal, com sede nesta vila.

Pelas 21,30 horas do referido dia, realizou-se, na sede, uma concentração geral do Grupo, tendo o chefe descrito, inicialmente, a vida de S. Jorge, no duplo aspecto lendário e histórico, e o seu belo exemplo de abnegação e cavalheirismo.

Procedeu-se, depois, à entrega dos prémios do Concurso Anual de S. Jorge, atribuídos às melhores boas acções praticadas por escuteiros durante o ano. O primeiro prémio, um exemplar do livro de Baden Powell «Escutismo para Rapazes», coube ao guia Manuel A. Lopes Duarte. O segundo, um apito com bússola, coube ao escuteiro António Alfredo Guerreiro, também premiado no ano anterior.

O sub-guia João de Birto Baptista, que naquela data concluiu a sua sexta insígnia de capacidade, recebeu o cordão de mérito correspondente.

Seguiu-se o Compromisso de Honra dos aspirantes Elvino de Sousa Neto e Gilberto de Sousa Neto, que ingressaram na patrulha «Poupa», e de Rogério Mascarenhas Tamissa, que ingressou na «Lobo».

PUBLICAÇÕES

RECEBIDAS

«CICLONE NA JAMAICA»

Editado por «Estúdios Cor» apareceu nas livrarias mais uma novidade literária.

O livro agora editado, «Ciclone na Jamaica», escrito por Richard Hughes, é considerado pela crítica um dos mais originais romances da literatura inglesa, deste século.

Numa magnífica tradução de Cabral do Nascimento, «Ciclone na Jamaica» narra a surpreendente vida de sete crianças, prisioneiras dos últimos piratas das Antilhas.

Em boa verdade, porém, deverá dizer-se que, neste romance, Richard Hughes conta a história de um bando de piratas, que teve a desdita de cair nas mãos de um temível grupo de crianças. Com uma capa de desenho agradável e sugestivo, este livro encontra-se à venda em todas as livrarias.



Agradecimento

Francisca da Encarnação C. Ruivinho

António dos Anjos Ruivinho e seu filho agradecerem, muito penhorados, a todas as pessoas que, por escrito ou verbalmente, lhes manifestaram o seu pesar pela morte da sua saudosa extinta, o que, por falta de endereços, não o fizeram directamente.

VENDEM-SE

5 moradas de casas térreas, com seis divisões e quintal, na Rua João de Deus, desta Vila. Informa-se nesta Redacção.

VENDE-SE

UMA GELEIRA TIPO FRIGORÍFICO

INFORMA:

JANELAS VERDES VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Praia de Monte Gordo MORADIA

Rua Gonçalves Zarco, 19 Aluga-se durante a época balnear, 10 divisões, quintal, água canalizada, luz eléctrica, esgotos. Informa: Paulo Castela - Avenida João XXI, 22-4.º Dto. - Telef. 723328 - LISBOA.

AGENDA

MOVIMENTO DA LOTA

de Vila Real de Santo António De 4 a 10 de Maio:

TRAINEIRAS

Table with 2 columns: Name and Amount. Includes Norte, Infante, Ramira, Flor do Guadiana, Agadão, Rajada, Triunfante, Flor do Sul, Raulito, Lenita, Deolinda Rita, Liberta, Tozé, Mogador, Pinguim, Brisa, Lagoa Azul, Audaz, Pérola do Guadiana, Levante, Malaca, Trio, Aldita, Sul, Sol, Maria Sérgio, Boreal, Pérola de Lagos, Maria Rosa, Portugal IV, Clarinha, Sr.ª da Piedade, Cine, Csota d'Oiro, Arrifana, Conceicanita, Maria Benedito, Portugal VI, Tólvus, Oeste, La Rose, Noroeste, Jomanel, Farilhão, Pérola do Barlavento, Deus te guarde, Lusitana, Pérola do Oceano, Santo Inácio, Cristina Leote, Salmirina, Costa Azul, Praia do Vau, S. Flávio, Mexilhão, Sarda, Dorita, S. Paulo, Briosa, Oca, Lola, Luís Fernando, N. Sr.ª da Pompeia, Novo S. José, Salvadora, Borges do Rêgo, Milita.

Total. 860.121\$00

CERCO

Novo Machado. 18.535\$00

Lívio. 10.380\$00

Total. 28.915\$00

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António

De 3 a 9 de Maio:

Entrados: SCHWANECK, Alemão, de 1298 ton., de Sevilha, com carga em trânsito.

OLDENBURG, Alemão, de 1433 ton., de Antuérpia, com folha de flandres.

FAUSTITA e LA CASTIZA, Espanhóis, de Tanger, com atum fresco.

MIRA TERRA, Português, de 562 ton., de Lisboa, vazio.

Saídos: EIBERGEN, Holandês, para Huelva, vazio.

HUNZE, Holandês, para Bonesse, com minério.

SCHWANECK, Alemão, para Hamburgo, com cortiça.

OLDENBURG, Alemão, para Bremen, com cortiça.

FAUSTITA e LA CASTIZA, Espanhóis, para Tanger, vazios.

MIRA TERRA, Português, para Lisboa, com minério.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 11 a 17 de Maio, a Farmácia CARMO, Rua S. João de Brito - Telefone 31.

CINE-POZ

Hoje, um espectáculo vigoroso e empolgante em cinemascopo, com o grande filme O EGÍPCIO. Uma impressionante epopeia de um homem que tinha toda a liberdade na corte dos faraós, mas que se perdeu por uma mulher. Grandioso desempenho dos consagrados artistas Jean Simmons e Victor Mature.

Para maiores de 12 anos.

Terça-feira, a super-produção CABO DE HORNOS, com Jorge Mistral e Sílvia Pinal. Para maiores de 17 anos.

Quinta-feira, o drama português VIDAS SEM RUMO, com Milita.

BUQUE

VENDE-SE

COM VELA E MAIS APARELHOS

Tratar com SAIAS (IRMÃOS) & C.ª, L.ª DA

OLHÃO

CÂMARA MUNICIPAL

DE

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

No próximo dia 15 de Maio, pelas 11 horas, vai à praça o arrendamento das dependências do Mercado de Peixe.

As condições estão patentes na Secretaria da Câmara

NOTAS DO DIA A DIA

**UMA PROVIDÊNCIA QUE URGE SOLUCIONAR**

COMO é do domínio público, a nossa frota piscatória, que, aqui há uns anos, se limitava a alguns cercos de saudosa memória, aumentou, em pouco tempo, de forma promissora, dando à economia da Nação e a Vila Real de Santo António um contributo substancial. A indústria de conservas — sem dúvida a mais importante da nossa terra — guindou-se, mercê do elevado quociente de pescarias, resultante daquele aumento, a um plano altamente animador, equiparando-se, também, em qualidade, às suas congêneres do País e do estrangeiro. Acrescida de algumas unidades, quer de salga quer de molhos, viu-se na necessidade de recorrer a pessoal adventício para dar vazão ao caudal de fabricação, dia a dia aumentado — pessoal que, finalmente, aqui se estabilizou, criando raízes na terra pombalina. Ora, se, por esse lado, a população aumentou consideravelmente, com o advento de dezenas de trabalhadores do mar — mestres de pesca, motoristas, ajudantes, escrivães, pessoal das redes, etc. — ainda mais se viu engrossada, criando problemas de certa acuidade, quer para alojamentos, quer para abastecimentos. E, se contarmos com a tripulação das traineiras e das enviadas, na generalidade composta por pessoal de outras localidades, facilmente verificaremos que o cômputo da população actual da vila, se bem que acidentalmente, em parte, é, nesta época, da escala dos 15.000 habitantes. Evidentemente que tal acréscimo origina anormalidades nos abastecimentos, que o comércio da nossa vila não pode contrabalançar, por carência de meios.

Notam-se já, portanto, falhas de géneros, alguns dos quais de capital importância na nossa alimentação, a que urge dar as providências necessárias. Ora, se tal estado de coisas já se torna visível, que diremos quando a abundância de pescado trouxer ao nosso porto a frota piscatória dos outros centros do País?

Um dos géneros alimentícios que mais estão a escassear, presentemente, é o pão, pois as padarias existentes na nossa terra não possuem meios para suportar acréscimos de fabricação, nem a Lei autoriza que o pessoal existente se desdobre em turnos, a não ser, segundo cremos, em vésperas de domingos ou feriados. O importante, porém, é que o precioso alimento está a faltar, e tal falta origina quebra-cabeças não só às donas de casa como aos próprios trabalhadores do mar, que se vêem coagidos a retornar à faina da pesca sem

o imprescindível pãozinho.

A indústria da panificação, em Vila Real de Santo António, é uma indústria pobre, vivendo quase que exclusivamente à base das receitas diárias para honrar os compromissos, porquanto, segundo cremos, as farinhas só são entregues mediante pronto pagamento. É óbvio que aos industriais de padaria não se podem exigir sacrifícios, impossíveis, pelo que atrás dizemos, de suportar. Evidentemente que, da sua parte, não podemos esperar a solução do problema.

A falta do precioso alimento é, porém, flagrante, e aqui o consignamos, cientes de que as instâncias competentes irão providenciar no sentido de solucionar esse problema, que, de há uns anos a esta parte, é notório, principalmente durante a safra da pesca.

Se nos dão licença, já agora alvitramos o seguinte:

Não seria possível a Junta Central das Casas dos Pescadores criar aqui uma espécie de Cooperativa, controlando, por intermédio da sua secção, nesta vila, os fornecimentos diários de pão para os seus associados, requisitando às padarias locais o número de unidades necessárias e concedendo-lhes o crédito suficiente para suportarem esse acréscimo de produção diária?

Estamos em crer que o I. N. T. P. não se importaria de conceder, também, isenções ao pessoal da panificação, a fim de poderem manipular as unidades necessárias ao consumo, dentro de um horário extraordinário, limitado, evidentemente.

Seria uma medida acertada da J. C. C. P., tanto mais que da afluência de trabalhadores do mar, nesta quadra, nasce a anormalidade da distribuição, e são eles, afinal, as principais vítimas da falta de pão, porquanto não dispõem de tempo suficiente para o adquirirem.



**PORTO RAINHA SANTA**

ATÉ OS ANJOS BEBEM!...

RODRIGUES PINHO & C.

Vila Nova de Gaia



**DESPORTO**

**FUTEBOL**

**Campeonato Nacional da III Divisão (Zona D) Serpa, 5 — Lusitano, 1**

Jogo no Campo da Misericórdia, sob a arbitragem de Vitorino Maximiano (Lisboa).

As equipas alinharam: Serpa — Garcia; Eduardo e Sardinha; Cecílio, Baião e Fidalgo; Picareta, Coreles, Teixeira, Patalino e Luiz.

Lusitano — Ramos; Pescada e Gonçalves; Padesca, Antunes e Daniel; Parra, Campos, Vitoriano, Travassos e Ludgero.

A primeira parte do encontro iniciou-se sob manifesta tensão de nervos de ambas as equipas que, durante os primeiros vinte minutos, não conseguiram delinear esquemas de jogo produtivo.

Já se ia fazendo tarde para o aparecimento do primeiro tento quando, aos 21 minutos, o Futebol Clube de Serpa abre o efectivo, por intermédio de Patalino.

A equipa do Lusitano não esmoreceu e, contra a expectativa geral, o golo sofrido serviu-lhe até para reagir fortemente, pondo em sérias dificuldades o guardaião serpens.

Em ataques e contra-ataques constantes, o Lusitano logrou o seu ponto de honra aos 85 minutos por intermédio de Parra, que, do ângulo esquerdo, rematou à baliza de Garcia, batendo-o sem remissão.

Depois, em forças equilibradas, houve momentos de certa desorientação na equipa serpens que via aproximar-se o final da 1.ª parte e com ele um empate.

Mas não, aos 43 minutos Luiz desfaz a igualdade, colocando o Serpa novamente em vencedor.

Na 2.ª parte, logo aos 10 minutos, Teixeira, aproveitando um bom passe de Luiz, marca a 3.ª bola.

Daí em diante o F. C. de Serpa passou a evidenciar nitida supremacia sobre o Lusitano que, apesar de tudo, jogou com garra até final.

Nesta posição de superioridade técnica, os golos do Serpa, sucederam-se então compassadamente, marcando Cecílio aos 28 minutos e Patalino, mais uma vez, a três minutos do final da partida.

\*\*\*

**CLASSIFICAÇÃO ACTUAL**

	J	V	E	D	B	P
F.C. Serpa	4	2	2	—	13-5	6
Elvas...	4	1	2	1	8-6	4
Estrela...	4	1	1	2	6-11	3
Lusitano	4	1	1	2	7-12	3

**Jogos para hoje**

Lusitano - Estrela  
Elvas - Serpa

**SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO**

Havendo pessoas muito pobres que necessitam de óculos, pede-se a quem tenha armações que já não lhes sejam precisas o favor de as oferecerem a esta Misericórdia.

Assinal e propagai "Notícias do Algarve"

**SILVES**

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

vistos, ajudada pela excelente localização, que a torna ponto obrigatório de passagem para quem cruza o Algarve ou se dirige a Lisboa. Cresce-lhe o movimento e o comércio, o que soavelmente nos demonstram os seus novos prédios e estabelecimentos.

De novo em marcha, umas escassas dezenas de quilómetros levam-nos a Loulé, a terra algarvia progressiva por excelência, vila mais cidade que muitas que o são. Ruas e avenidas extensas e largas, movimento desusado, nela ficamos uns momentos para, outra vez, contemplarmos o monumento erigido ao grande louletano que foi Duarte Pacheco.

E a marcha prossegue, veloz, a caminho de Silves. Passamos Algô, que também cresce incessantemente, e a paisagem torna-se mais árida e pedregosa, mais limpa de vegetação, até que a velha Xelb nos surge de improviso em toda a sua extensão, o castelo altaneiro a dominar-lhe o perfil. É bonita a cidade, sobre-

tudo quando vista de ponto alto em que uma curva da estrada notável mostra de súbito, num sucesso de lembranças de escada, alinhando-se em volta do castelo.

Deixamos o nosso cómodo meio de transporte, numa das ruas da cidade que foi a primeira da província, e dispomo-nos a percorrê-la, o que de há vários anos não fazíamos.

Chamou-nos a atenção o traçado airoso de um edifício quase concluído, e logo depreendemos que de um novo mercado se trata, pois o antigo, apenas servindo para venda de peixe, uma vez que as verduras e queijos são vendidos e expostos na rua, em nada abona o bom nome da terra. Outro novo edifício, este já acabado, mostrou-nos que o serviço dos correios se encontrava bem instalado, o que confirmámos em rápida visita ao interior.

As linhas vetustas e harmoniosas da Sé fizeram-nos percorrer rapidamente a subida íngreme que até lá nos conduzia. Junto a esta patenteava-se-nos, porém, a relíquia veneranda e carcomida pelo tempo, que é a Cruz de Portugal, e uma vez mais nos detivemos para a contemplarmos por momentos. Na Sé, a humildade do interior não condiz agora com a imponência do traçado exterior. Deixámo-la, após percorrê-la toda, e fomos recrear os olhos pelo panorama vasto oferecido, a poucos passos, das muralhas do castelo. Nada mais tem este para mostrar-nos que o próprio panorama e as próprias muralhas, bem conservadas. É, porém, linda a paisagem e compensa-nos da subida e dos poucos motivos históricos notados.

Regressados ao centro de Silves, ali tivemos ocasião de ver algumas modernas casas comerciais, decoradas com manifesto bom gosto. Larga faixa de terreno ajardinado, ao longe, chamou-nos a atenção e, cerca de duzentos metros andados, deparamos com um extenso e cuidado jardim, onde muitos bancos convidavam ao repouso sob a carícia de um sol que começava a esboçar a sua missão de aquecer. Pertence ao Viveiro Municipal atraíam-nos, todavia, para uma visita que principiámos imediatamente. Pouca vegetação, devido à época do ano, e muitas flores, avultando, naturalmente, os crisântemos. A curta distância, o Parque Infantil, com diversos apetrechos para recreio das crianças, iniciativa interessante que muitas terras deveriam ter, foi por nós também percorrido. E como a hora do almoço se aproximava e a caminhada fora já longa, acercámo-nos, naturalmente, da Pensão, próximo ao barrento Arade, a fim de nos prepararmos para enfrentar a parte «importante» do passeio: o desafio de futebol. E quem sabe? Talvez que a feira de Portimão, a uns momentos apenas de automotora, conseguisse levar-nos a outra passeata. Valeria, por certo, mais que o crónico desafio, com os seus crónicos pontapés na bola e nas canelas do adversário e as ruidosas manifestações contra os erros da arbitragem ou contra a actuação super-violenta de alguns participantes... E valeu mesmo!

J. M. Pereira

**FOI ELEITA a nova Direcção**

**DO SPORTING CLUBE OLHANENSE**

Depois de uma crise directiva que se prolongou por algum tempo, os corpos gerentes do simpático Sporting Clube Olhanense conseguiram, finalmente, a desejada estabilidade com a eleição, no passado dia 17, e em 3.ª Assembleia Geral realizada para o mesmo fim, da Direcção seguinte: presidente, Lourenço Baptista Lopes de Mendonça; vice-presidente, António Jacinto Ferreira; tesoureiro, João Carlos da Cruz; secretários, João Ventura e José Mendes; vogais, Julião Florentino Topa e José dos Santos.

Eleitos por aclamação, os novos directores do Olhanense, todos dedicados amigos da vila cubista, decerto não se pouparão a esforços para que o popular clube, que sempre disfrutou de grande prestígio desportivo e ostenta alguns dos mais valiosos pergaminhos do futebol algarvio, prossiga fiel às suas tradições e se engrandeça como merece — e como o desejam, afinal, todos os olhanenses, a despeito de pequenos desentendimentos e incompreensões, que surgem de vez em quando, como aliás em todas as agremiações desportivas, e que só prejudicam o popular e simpático clube.

Assine, o «Notícias do Algarve» e contribua para o desenvolvimento da Imprensa Algarvia.



*Nem tudo que luz...*

NEM TUDO O QUE LUZ É OIRO, DIZ O POVO NO SEU ACERTADO PROVÉRPIO. POR ISSO, AO QUERER TOMAR UM REFRIGERANTE NÃO SE DEIXE INFLUENCIAR POR UM NOME OU MARCA. ESCOLHA E PEÇA O MELHOR. E, PARA TAL, TEM DE PÔR EM CONFRONTO TODOS OS QUE HOVER Á VENDA.

SE ASSIM FIZER

ESCOLHERÁ, COM CERTEZA, UM DA

**Fábrica SIMON**

Vila Real de Santo António

FUNDADA EM 1913

**A TODO O ALGARVE**

**PENSÃO RESIDENCIAL DO SUL**

Participa a inauguração do alargamento das suas instalações.

Ótimos quartos com água corrente e camas, como nos bons hotéis.

Rossio, 59-2.º e 3.º Esq.º — Telefone 22511 LISBOA

Filial — Pensão Estrela dos Anjos (1.ª Classe)

Serviço de Restaurante, recentemente inaugurado a preços acessíveis.

Rua dos Anjos, 70 — Telefone 41379 LISBOA (Junto ao Ginásio)

mo» mais tem de ser posta à prova. O verão assoma já a sua clara face quente. E, agora que o «parque de campismo» já é quase uma realidade, há que apressar as coisas de forma a que já se possa receber quem quiser beneficiar-se da missão de tais parques.

Li, no último número deste jornal, que a inauguração do Parque de Campismo deverá efectuar-se no fim do corrente mês. Acho que é possível. Não obstante ter estado vendo aquilo, no último domingo, como está, acho possível, repito, tal inauguração. Mas... também creio que, para isso, serão necessários ainda muitos esforços e vontades, pois, valha a verdade, há ainda muita coisa um tanto atrasadota... No que se refere, sobretudo, aos «últimos retoques» e aos campos de ténis — estes, em especial — há que dar-lhes tudo o que precisam com muita rapidez para que, daqui a duas dezenas de dias, estejam prontos a receber as visitas...

BANHOS DE MAR

Desde Março que a praia de Monte Gordo tem as suas mansas e temperadas águas abertas a toda a gente que se tem querido deliciar com banhos de mar!

Sei de numerosas pessoas que já contam com bastantes banhos, no seu activo, no corrente ano. Até eu, no domingo último, me deixei tentar...

MOMENTO POÉTICO

Mar manso, parado,  
de veludo azul,  
azul e verdoso,  
verdoso, azulado...

Estamos os dois  
presos a estes laços  
das mãos e dos sonhos,  
dos sonhos, dos braços...

Olhamos ao mar,  
o mar que estremece  
mesmo aos nossos pés...  
— Que rendas que tece!

Cismamos, sonhamos  
— redes de ilusão...  
(Que coisas incríveis  
que os sonhos nos dão!)

SARDINHA

Num destes dias, apareceu a sardinha com muita abundância. O preço, no mercado, sofreu o peso de tal abundância... E o que veio beneficiar a população, prejudicou, por outro lado, os pescadores e armadores. Tal facto levou grande parte dos barcos em demanda do biqueirão, para distantes paragens do alto mar... Claro que não é preciso dizer que desejamos a todos farta pesca. E farta sorte, também.

QUADRO FAMILIAR

Dois velhos especados ao canto, como se estivessem vigilando... Dois rebentos de gente, correndo por entre os velhos, agarrando-se-lhes às pernas cansadas... Uma estragadíssima jovem mãe, de côcoras, com um pequenino botão humano ao colo. A blusa aberta, mostrando a quem quer que quisesse ver a brancura da sua carne — mas só ao pequenino ser das suas entranhas dava o seu peito, preenche de vida!

— Ainda não vem?  
— Ainda não.  
— Veja lá bem, não se esteja a enganar...

Dois passos para a frente levaram o idoso homem a destacar-se do grupo. Alongou o olhar, picado pelo sol; demorou-se um tempinho na pesquisa. Tornou a movimentar as pernas, achegando-se ao todo de que fazia parte. Abanou a cabeça, desolado:  
— Não. Ainda não vem...

E a mulher continuou a dar de mamar à criança. Os dois mocinhos retomaram o quebrado fio da brincadeira, abalando a segurança física dos velhos. E estes ficaram parados, olhos tristes na distância, vigilando a longa rua...

A. Vicente Campinas

Visado pela Comissão de Censura

# Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

## UM DIA NA PRAIA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Senti, naquele instante, quanto a amava verdadeiramente. Caso curioso: nunca havia pensado nisso, antes.

Corremos juntos pela praia fora, mãos nas mãos, olhos fitos no mar, profundo e belo, vasto e grande como a nossa felicidade daquela hora. Molhámos os pés naquela água salgada, espumante, agitada. Uma onda mais sorte atirou-nos de encontro à areia. Rimos. Sentimos o prazer de nos molharmos. Sentámo-nos e deixámos que o mar nos molhasse mais ainda. Voltámos a rir. Aspirámos profundamente toda a beleza da praia, a luminosidade do dia, o encanto do sussurro das ondas. Pouco a pouco, nossos corações começaram a palpitar, a sentir quanto nos queríamos, mas quão distantes estávamos um do outro, embora materialmente ali estivéssemos ombro a ombro.

Os seus pensamentos e os meus corriam rápidos, cavalgando nas nuvens de um sonho. Mil desejos retráidos, presos, mas quase a soltarem-se, a crescerem cada vez mais, prestes a rebentar, a transbordar de nosso peito que não podia mais retê-los.

Ela pensava quanto poderia ser feliz comigo, mas, ao mesmo tempo, estava receosa de desencadear um amor que considerava impossível.

Eu perguntava a mim mesmo se seria possível conquistar o seu amor e a sua irradiante mocidade.

Tudo girava à minha volta, num turbilhão. Os pensamentos entrecrocavam-se. Comecei a perder o domínio de mim mesmo, não me contive mais, era impossível. Beije-i-a. Um beijo dado a medo, mas no qual pus todo o meu amor, todo o ardor que sentia.

Fugiu-me com o rosto, surpreendida, confusa.

Pedi-lhe desculpa. Que perdoasse a minha ousadia, que esquecesse este momento de fraqueza que me tinha forçado a abusar da sua camaradagem e, finalmente, confiei-lhe quanto a amava, quanto lhe queria e quanto me achava arrependido do meu acto irrefletido.

Estabeleceu-se entre nós um pesado silêncio e toda a felicidade desapareceu, repentinamente.

Maquinalmente, começámos a vestir-nos.

Iniciámos, dolorosamente, a caminhada de regresso



sobre a areia que agora nos parecia queimar os pés.

O dia começava a declinar. E, com ele, pareciam querer morrer aqueles momentos de suprema alegria e felicidade que acabávamos de viver. Do sonho se despertava para a realidade, a triste e dolorosa realidade.

Todavia, entre nós alguma coisa ficara. O amor começava a brotar dos nossos corações, um amor impossível mas imperioso, um amor que não havia forças para deter.

Começou aqui, num passeio à praia, uma forte amizade; e um beijo, dado a medo, gerou uma compreensão humana e viva, que desafiou todos os princípios e aniquilou todas as barreiras.

Simplez apontamento pessoal, os pequenos dramas de cada um harmoni-

zam-se num todo em que a humanidade se debate.

Os preconceitos e as fictícias posições na sociedade impedem a livre expansão e coartam a felicidade.

O nosso idílio durou um momento breve, e tão rápido como começara se aniquilou e com ele morreu a esperança. As circunstâncias nos afastaram para sempre, mas a sua imagem, colhida naquele agradável dia passado na praia, ao som sínfónico das ondas, não pode a justiça dos homens destruí-lo, viverá em mim, para todo o sempre, como tributo de mocidade, de uma mocidade que constituiu a minha maior ambição e podia representar toda a nossa felicidade.

S. M.  
Lindoleo de  
José dos Santos Marques

## o AMBIENTE RURAL NA FORMAÇÃO DA CRIANÇA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Habitua-se ao muito frio e ao muito calor, aceita sem sofrimento de maior as mudanças bruscas de temperatura, e quando se molha, surpreendida por chuveirões inesperados, despem-se ao chegar a casa, enxugam-se e continuam, depois de terem mudado de roupa, a sua vida habitual. As crianças que vivem nas cidades, com todo o concheio, bem defendidas do frio e das chuvas e abrigando-se cuidadosamente do sol, tornam-se, pelo contrário, extremamente sensíveis e adoecem facilmente, quando alguma vez são forçadas a pôr de parte os seus habituais resguardos.

Esta resistência que a vida rural confere às crianças, no que respeita à parte física, influi também na sua formação mental. Habitua-se a encarar com sossego e presença de espírito as agressões da Natureza e a defenderem-se delas, as crianças adquirem confiança em si, reconhecem que podem bastar-se a si próprias, mais facilmente do que as crianças urbanas, cercadas de mimos, de afagos, vivendo em estreitos espaços sob contínua vigilância e protecção. Há, é claro, embora seja excepcional, quem viva no campo conforme a apertada regra das cidades, o que, pelo que respeita à educação das crianças, faz somar os defeitos de um dos ambientes com os do outro. Mas, em geral, as crianças vivem nos campos com maior liberdade e maior largueza, o que as habitua também a proceder livremente, sem protecção e sem tutela. Assim, podemos considerar como tendências mentais que se desenvolvem na vida rural: actividade

física, conhecimento e gosto pelas realidades, afoiteza, dureza de ânimo, espírito de liberdade e de independência e, finalmente, são e franca alegria.

Compreende-se que a vida rural desenvolva nas crianças o gosto pelas realidades. Os seus conhecimentos do mundo iniciam-se por impressões determinadas por objectivos tais como os apresentados a Natureza, e não por desenhos, descrições ou narrativas; as suas curiosidades, orientadas pela presença desses objectos reais, mantêm-se na esfera das realidades. Ao mesmo tempo, o choque contra o ambiente desenvolve o poder de resistência e, com este, a afoiteza e a dureza de alma, ao passo que o ambiente cidadão de afagos e resguardos torna as crianças pouco resistentes, tímidas e particularmente dispostas a sentimentos de ternura. O pequenino camponês, habituado à luta, é rijo de corpo e alma; nem meigo, nem medroso; porque se sente capaz de viver na Natureza, sem recorrer continuamente à protecção de outrem, cedo adquire espírito de independência e de liberdade. Além disto, é alegre. As horas do dia são-lhe de satisfação perene. A vida higiénica que leva, ao ar livre e ao sol, torna-o forte, e as forças que sente em si solicitam constante emprego. Chega à noite e adormece com um sono de chumbo, para continuar no dia seguinte com o mesmo encanto de descobrir o mundo, de gozar o mundo, de correr pelos campos, como se tudo em volta tivesse sido criado para seu deleite pessoal. A esse tempo, milhares de crianças, nas cidades, olham através das vidraças dos andares al-

## CRÓNICAS



### IRREQUIETAS

IV

A crítica da opinião pública, mais imperfeita que a judicial e a da consciência, pois que, na maioria dos casos, é baseada pela simpatia ou antipatia pelo acto criticado, tem os seus efeitos benéficos quando não visa ridicularizar a sociedade e tende, somente, a levar o alvo da crítica a uma moderação útil para si e para o meio em que vive.

Dentro destas normas, pré-estabelecidas, continuaremos, esperando não levem as nossas crónicas para campos opostos aos idealizados e não vejam nas nossas linhas segundas intenções, porquanto ao nosso espírito somente ocorre a ideia de fazer um pouco de humor, quando possível.

A Primavera chegou, há tempos e, com ela, o desabrochar das flores e o de dois corações que, à tardinha, na Avenida do Ciumé, junto a determinado estabelecimento comercial, pressentem quem passa mas sentem que se amam e junto evolva um perfume de felicidade.

No domingo passado houve momentos em que o sol deu um ar da sua graça, com uma luminosidade e um calor de um autêntico Maio.

Para aproveitar um pouquinho desse sol, demos um passeio pela rua Teófilo Braga, onde surpreendemos conversas agradabilíssimas.

Num momento em que parámos para acender um cigarro, passaram perto de nós umas meninas que, se bem que um pouco diferenciadas pelo físico, estamos certos que comungam nos mesmos ideais. Dizia uma delas, um pouco despeitada:

— Sabes uma coisa? Eu já não lhes ligo! Às vezes, por uma bonita cara perde-se um bom coração.

E porque seria que uma das lentes dos óculos da boneca quebrou?

Devido à enorme expansão, em matéria de edificações, que a vila está a tomar, pensa-se fazer a transplantação da mata para local a designar.

Coltas que não estão bem  
O que ela disse a ele... e o que ele vai dizer a ela.

O Manel da Tia Ana e o Zé do Cravo, dois gaiteiros de Alcaria da Serra, formularam o desejo de vencer, pelas suas qualidades musicais, na capital do País. Assim o fizeram, e tempos passaram sem que os dois amigos se encontrassem.

Um dia, o Manel resolveu vestir o fato novo e ir passear ao Rossio, «pois, que diabo», a vida não é só trabalho. Qual não foi o seu espanto quando, junto de uma montra, encontrou o seu velho amigo Zé do Cravo.

Os cumprimentos foram efusivos; e, como não podia deixar de ser, veio à baila a sacramental pergunta: «que fazes?»

O amigo Manel confessou estar numa casa de comes e bebes, e, nas noites de domingo, tocar guitarra eléctrica nos bailes dos arredores.

Os tempos iam difíceis e o Zé tinha canalizado a sua actividade para os transportes colectivos. Era condutor de autocarro; e, dos seus desejos de grande músico, só lhe restava a consolação de, quando lhe aparecia um obstáculo, tocar... a busina.

Os jornais diários são para nós uma fonte inesgotável de leitura e de várias horas de meditação.

Netes encontramos de tudo. Os gostos diferem, mas as páginas negras e enormes, trazem substância para todos.

Há poesia num atropelamento brutal, humorismo no momento político actual e pessimismo nas expectativas da paz.

Há tempos, no nosso passeio por um dos diários da capital, deparámos com um anúncio que nos deixou perplexos e cuja pro-

sa, irresistível de transcrever, irá decerto agradar aos nossos leitores.

Encimava o anúncio duas fotografias, certamente dos proprietários da nova Agência Funerária, pois disso se tratava, sendo o texto, mais ou menos, concebido do seguinte modo:

«Agência Funerária... X...  
Os srs. X e Z informam V. Ex.ª que deixaram de pertencer ao quadro do pessoal da Agência X e declaram que inauguraram uma nova Agência, com todos os requisitos, onde esperam ser agradáveis a V. Ex.ª».

Livra, estes não são «personas gratas».

A infância, com todos os seus brinquedos e inconsciências, é mera fase da vida em que, por vezes, simples pormenores insignificantes ficam gravados, para sempre, na nossa mente.

No meu caso pessoal, entre outros acontecimentos, a leitura do conto *A menina do Capuchinho Vermelho* deixou-me maravilhado. Talvez por até então a leitura ser, para mim, uma obrigação, o poder torná-la como distração foi um motivo de esufiante alegria.

E tanto perdura o acontecimento que, caros leitores, todo eu vibro de satisfação quando, no meu campo visual, aparece uma menina de capuchinho ou casaquinho vermelho.

Em virtude de as «Crónicas Irrequietas» desta semana já estarem delineadas quando começámos a receber correspondência a elas destinadas, informamos as nossas prezadas leitoras e leitores de que só para a próxima semana poderemos transcrever as cartas que nos dirigiram.

Os 2 Repórteres

De vez em quando...

o MEU DOMINGO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

ra ir à Sociedade das Belas Artes e ao Secretariado de Informação.

Teria também no Rossio a Feira do Livro. No jardim por onde passel, um par atraíu-me a atenção. Fumavam ambos, e o mesmo vino saldo da exposição. Comentários? Comentários para quê, se eu já sei que sou troglodita? Na Avenida do Duque de Loulé, passou um grupo de rapazes levando à frente um tocando harmónica. Atenção neles e reconheço que são patos-bravos, como eu, que andam recordando a liberdade que deixaram nas suas aldeias, agora que estão presos nesta gaiola imensa que é Lisboa.

À porta de um hotel, um grupo de senhoras, que devem ser estrangeiras. Uma delas usa um chapéu muito bonito, muito fino. E registó o facto, que é uma excepção entre as coisas inconcebíveis que as senhoras trazem na cabeça.

Quatro pintores expõem nas Belas Artes. Não me reconheço com autoridade para criticar o que vi. De um modo geral gostei.

E deixo aqui uma sugestão aos velhos de vinte anos que por aí encontramos anemidos e com a cara enrolada numas barbas bíblicas, proféticas, como se sempre lhes doessem os dentes, que visitem a exposição de um rapaz de oitenta e seis anos, cabelo branco e porte ativo, que ali tem um número considerável de quadros. Que firmeza de mão e que beleza de pintura! Aquilo rejuvenesce e é um regalo para os olhos e para o espírito. A exposição do Secretariado devia ser maravilhosa porque dela não entendi nada.

Desci à Feira do Livro: para ver, que para comprar estou proibido por todas as terapêuticas. Só a indispensável parte material para meu sustento e cobertura.

Os senhores talvez já saibam — sou professor primário, e fecho aqui o meu domingo.

Trindade e Lima

### ETELBERTO - Cabeleireiro



Participa a todas as Ex.ªs Senhoras que executa os mais actualizados penteados pela técnica mais moderna —

Permanente: a frio, Quentes e Mornas

Tintas, Mises, Cories, etc.

Óleos quimicamente preparados em novas fórmulas

Desfrisa cabelos encarapinhados

Salão LAUREA

RUA D. PEDRO V, N.º 5-1.º  
VILA REAL DE SANTO ANTONIO